

ETNOGRAFIA SURREALISTA: EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA E ESCRITA DE PESQUISA SOBRE AS GIRAS DE UMBANDA

HÉLCIO FERNANDES BARBOSA JÚNIOR¹; LEANDRO HAERTER²; DENISE MARCOS BUSSOLETTI³

¹Universidade Federal de Pelotas – helcio_rs@msn.com

²Universidade Federal de Pelotas – lhaerter2@yahoo.com.br

³Universidade Federal de Pelotas – denisebussoletti@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este texto é parte integrante de um projeto de pesquisa que busca além de uma metodologia, uma forma de escrita de pesquisa em educação, e está sendo desenvolvido junto ao Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Narrativas, Arte, Linguagem e Subjetividade (GIPNALS), da Faculdade de Educação (FaE), Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), como método para investigar o movimento das Giras de Umbanda, religião genuinamente brasileira, anunciada no dia 15 de novembro de 1908 pelo médium Zélio Fernandino de Moraes que, incorporado do Caboclo das Sete Encruzilhadas, anuncia “com os espíritos adiantados evoluímos, aprendemos. Aos atrasados, amparamos e ensinamos. E, a nenhum, negamos a oportunidade de uma comunicação” (CUMINO, 2011, p.24), assim, passa a existir a Umbanda.

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar as narrativas corporais na Umbanda através dos rituais de gira e, nessa perspectiva, buscar como se dá a produção de conhecimentos dos corpos nas giras de Umbanda, mas também através da experiência estudar os modos de produção das narrativas corporais das entidades existentes nas giras de Umbanda. Para tal, utilizaremos como referencial teórico o texto “A experiência Etnográfica” de James Clifford (2008), e “Performance e Antropologia” de Richard Schechner (2012).

2. METODOLOGIA

Durante os rituais de Umbanda, o movimento de gira não é condição para que haja a incorporação dos médiuns – momento em que os médiuns recebem as entidades da Umbanda –, porém, na grande maioria das vezes é dessa forma que o ritual umbandista se estabelece.

Pretendemos através de Richard Schechner utilizar o conceito de “liminar”, que utiliza em suas pesquisas sobre performance e antropologia, o qual estabelece que “A fase central [dentro do ritual da performance] é liminar – um período de tempo em que uma pessoa está “entranhas e entre” categorias sociais ou identidades pessoais. É durante a fase liminar que o trabalho real dos rituais de passagem toma lugar” (SCHECHNER, 2012, p.63). De posse disso, afirmamos que a gira de Umbanda é uma fase de passagem do ritual, onde acontece a transição da identidade do médium e a identidade das entidades ali incorporadas.

Complementa Schechner o conceito:

O trabalho da fase liminar é duplo: primeiro, reduzir aqueles que adentram no ritual a um estado de vulnerabilidade, de forma que estejam abertos à mudança. As pessoas são despojadas de suas antigas identidades e lugares determinados no mundo social; elas entram num tempo-espaco onde não são nem isto nem aquilo, nem aqui nem lá, no meio de uma jornada que vai de um social a outro. Durante esse tempo elas estão literalmente desprovidas de poder e, muitas vezes, de

identidade. Segundo, durante a fase liminar, as pessoas internalizam suas novas identidades e iniciam-se em seus novos poderes. (SCHECHNER, 2012, p.63)

A identidade posta em questão seria a intersecção entre aquilo que o médium é, e a forma como a entidade em questão, por ele incorporada, se apresenta (Pretas-Velhas e Pretos-velhos, Ciganas e Ciganos, Exus e Pombasgira, Caboclas e Caboclos, etc.), no momento em que esses corpos mediúnicos estão imersos no instante da gira.

O autor citado faz uma forte relação entre a performance e o ritual, acentuando que,

Rituais são uma forma das pessoas lembrarem. Rituais são memória em ação, codificadas em ações. Rituais também ajudam pessoas (e animais) a lidar com transições difíceis, relações ambivalentes, hierarquias e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária. (SCHECHNER, 2012, p. 49-50).

Quando alguém busca um terreiro de Umbanda, normalmente, está em busca de auxílio para resolver problemas que dizem respeito a sua vida particular, e depois o interesse pela prática religiosa em si, como foi discutido na dissertação de mestrado intitulada *Caciques de Umbanda em Pelotas: Narrativas, Histórias e Outras Pedagogias*, onde foi relatado que “depois do interesse, vem a amizade, o interesse pela religião de Umbanda” (BARBOSA JÚNIOR, 2012).

De posse do conceito de liminar, fundamental para o desenvolvimento e análise da pesquisa, a metodologia que propomos para coleta dos dados e escrita de pesquisa em educação, é a etnografia surrealista. Segundo pesquisas desenvolvidas pelo GIPNALS:

Assumir uma atitude embasada na etnografia e no surrealismo para a pesquisa em educação fundamenta a investigação de uma realidade presente em um universo não aparente, que transita por um tipo de imaginário, mas que revela intenções e questões presentes em nosso universo interior ou em tessituras da realidade que necessitam de outro tipo de abertura para serem evidenciadas (BUSSOLETTI; VARGAS, 2013)

Junto às narrativas dos corpos presentes nos terreiros de umbanda, buscamos experienciar e descrever aquilo que esses corpos “ao dizer, não dizem”, estabelecendo uma relação entre o universo aparente e outro que não está explícito, e que pode apenas ser captado no instante da experiência, no caso, nas giras de Umbanda.

A etnografia surrealista torna-se metodologia, quando coloca em relação elementos específicos da cultura de determinado povo – os Umbandistas –, sendo pensada como forma de produção de corporeidades que permitem ser inseridas e pensadas no campo da educação.

A escrita etnográfica segundo Clifford:

[...] o trabalho de campo etnográfico permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus participantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais. (CLIFFORD, 2008, p.20)

E ainda:

A observação participante serve como uma fórmula para o contínuo vaivém entre o “interior” e o “exterior” dos acontecimentos: de um lado, captando o sentido de ocorrências e gestos específicos, pela empatia; de outro, dá um passo atrás, para situar esses significados em contextos mais amplos (CLIFFORD, 2008, p.32)

E mais adiante:

O rótulo etnográfico sugere uma característica atitude de observação participante entre os artefatos de uma realidade cultural tornada estranha. [...] Sua atitude, embora comparável àquela do pesquisador no campo, que tenta tornar compreensível o não familiar, tendia a trabalhar no sentido inverso, fazendo o familiar se tornar estranho (CLIFFORD, 2008, p. 125).

Esse método torna-se eficaz enquanto estudo de um fenômeno cultural que predispõe o corpo em ação do pesquisador enquanto participante do fenômeno de Gira.

Segundo Clifford, “O surrealismo é o cúmplice secreto da etnografia – para o bem ou para o mal – na descrição, na análise e na extensão das bases da expressão e do sentido do século XX” (2008, p.126), e a etnografia surrealista pode colaborar no desenvolvimento dessa proposta de pesquisa.

Tratando-se de um estudo de uma religião que provém de diversos fatores culturais – a Umbanda mistura tradições do Cristianismo, Kardecismo, Pajelança Indígena e os cultos Africanistas desenvolvidos no Brasil –, temos:

A etnografia mesclada de surrealismo emerge como a teoria e prática da justaposição. Ela estuda, ao mesmo tempo em que é parte da invenção e da interrupção de totalidades significativas em trabalhos de importação/exportação cultural. (CLIFFORD, 2008, p.155)

Desta maneira, buscamos na etnografia surrealista uma forma de melhor investigar e compreender os fenômenos que permeiam nossas pesquisas, atentando para o fato de que sentimos necessidade de melhor aproximarmos pesquisador e sujeitos envolvidos nas pesquisas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta proposta de metodologia ainda está em construção, bem como, a forma de apreensão e análise dos dados para a feitura da tese, que visa o momento das giras de Umbanda. Pensamos que será mais bem compreendida no momento em que tiver início a participação do pesquisador nos rituais de Giras dos terreiros de Umbanda na cidade de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Tratando-se de um fenômeno cultural, apostamos na investigação e escrita de pesquisa através da etnografia surrealista que, utilizada como metodologia, busca atender as necessidades do GIPNALS que busca, além de analisar e descrever o fenômeno experienciá-lo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA JÚNIOR, Hécio Fernandes. **CACIQUES DE UMBANDA EM PELOTAS**: Narrativas, Histórias e Outras Pedagogias. 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/RS, 2015.

BUSSOLETTI, Denise Marcos; VARGAS, Vagner de Souza. O surrealismo etnográfico e o nó cristalográfico como outras epistemologias para a escrita e pesquisa em educação. **Revista Querubim**, V.1, N4, 2015, p.131-136.

CUMINO, Alexandre. **História da umbanda**: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2011.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

SCHECHNER, Richard. **Performance e antropologia**. IN: Zeca Ligiéro (Org). Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.